

Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010)

O PRESIDENTE DA TERRA DO NUNCA

O presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, ganhou fama na época em que era metalúrgico por causa de seus discursos inflamados sobre um caminhão, nos quais utilizava expressões e histórias próprias do mundo dos operários para que eles compreendessem sua mensagem. À frente da Presidência, Lula continua valendo-se de metáforas e parábolas para falar à nação e, embora não tenha cunhado a frase “nunca na história deste país”, tornou-a como sinônimo de que, para ele, o país não existia antes que chegasse à Presidência. O homem que se transfigura quando discursa. Embora democrata, já chegou a se valer, em momentos críticos, da alusão a uma hipotética teoria da conspiração para lhe tirar o mandato. Hoje, mais tranquilo e dono de bons índices de aprovação, Lula segue em seu segundo mandato sabendo que “nunca na história deste país” –até agora– um trabalhador de fábrica...

Chico de Gois [Francisco de Gois Filho]

chicodegois@gmail.com

É repórter, formado em 1987 na Universidade Metodista. Trabalhou nos jornais *Diário do Grande ABC*, *Diário Popular*, *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e, atualmente, está em *O Globo*, onde cobre diariamente a rotina do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no Palácio do Planalto, em Brasília. É autor do livro-reportagem *Segredos da Máfia*, São Paulo, Publisher Brasil, 2000, e ganhador dos prêmios Embratel de Jornalismo, CNT de Jornalismo, Prêmio Folha de Reportagem, além de prêmios bimestrais na *Folha de S.Paulo*.

Há uma piada que corre no meio político de Brasília: antes de Lula, o Brasil não existia. A anedota não é gratuita. A julgar pelos discursos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o desavisado que desembarcar no país vai achar que nada existia antes de o atual mandatário assumir o poder, em 2003. Lula tem certeza disso. Invariavelmente, seus pronunciamentos apelam para a frase “nunca antes na história deste país”. O próprio presidente, certa vez, em outubro, riu de seu chiste. A oposição reclama. O povo aplaude. E os jornalistas que cobrem o dia-a-dia do presidente se sentem cansados da repetição monocórdica. Mas Lula não liga. E segue falando, falando, falando. Sobre tudo que é assunto. Até mesmo sobre uma fruta o mandatário é capaz de discorrer durante minutos. Como aconteceu, por exemplo, em 27 de agosto de 2007, durante almoço para lançamento do Projeto Caju. Empolgado, ele começou fazendo uma auto-crítica, afirmando que seria bom que um dia não precisasse fazer discursos –como se isso fosse possível, uma vez que sua trajetória política se fez, sobretudo, de discursos, que ele adora. Mas foi só dizer isso para começar a discorrer sobre a importância do caju para os brasileiros.

- Hoje é um dia *sui generis*, um dia, eu diria, especial para o caju –declarou. E prosseguiu:

- A gente não tinha o hábito de comer caju como alimento, como muitas vezes as pessoas não têm o hábito de tomar suco de caju, porque eu penso que nós não fomos felizes, ao longo do século XX, em divulgar e convencer as pessoas de que isso era importante.

Antes de mais nada, um parêntese. Como tem um certo trauma por não haver cursado uma universidade, o presidente gosta de aprender palavras novas e, quando as usa, pergunta à platéia: “Gostaram do *sui generis*?”. Um colaborador contou que na campanha de 2002 pediu para aprender algumas expressões em latim e, de maneira inusitada, as sacava. Também quis saber algumas expressões em inglês, francês e espanhol. Outro dia soltou um “habla despacio”, quando os jornalistas se aglomeravam para entrevistá-lo e todos falavam ao mesmo tempo.

Voltando. Exceto em casos *sui generis*, os discursos do presidente têm similitudes, dependendo da platéia. Quando começa a falar, é como se retirasse do arquivo da memória um texto pronto, com pequenas adaptações. Empolgado, gesticula muito com os braços, em movimentos que ora parecem o de um maestro regendo uma orquestra de instrumentos invisíveis, ora assemelha-se a um guarda de trânsito que indica a direção no meio de um engarrafamento. De microfone na mão, anda de um lado para o outro, tal qual um pastor evangélico levando a palavra de Deus aos fiéis –no caso, Deus é ele próprio, e os fiéis, o povo. Isso ocorre quando sente empatia com o público. Mas há vezes em que o presidente parece distante. É fácil reconhecer. Ele olha para cima, como se estivesse procurando as palavras ou as idéias. Procura sorrir, mas o riso parece acanhado. Busca uma piada, mas não consegue agradar. Um amigo que convive há mais de 20 anos com ele afirma que o presidente perde a concentração quando enfrenta problemas, sobretudo pessoais.

O Povo É O Melhor Público

A platéia que mais agrada a Lula é a de pessoas simples, pobres. Quando está à frente de trabalhadores, indígenas, negros, adolescentes carentes ou outros desprovidos, traveste-se de pai. Por vezes utiliza sua própria história como testemunho, num tom narrativo. Usa palavras fáceis, busca proximidade com quem lhe ouve –uma diferença marcante em relação ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, intelectual por formação, e que, em seus discursos, embora se esforçasse para não parecer excêntrico ou superior, por vezes citava filósofos ou outros intelectuais que quase ninguém conhecia para dar mais peso às suas palavras. Lula é mais pragmático. Lembra das dificuldades pelas quais passou, da fome que viveu, das enchentes que enfrentou, da dureza de acordar de madrugada para ir trabalhar nas fábricas. Quando está mais emocionado, recorda dos ensinamentos da mãe, dona Lindu, que lhe ensinou que não se pode roubar, por exemplo. E, por fim, observa que apesar dos percalços, chegou ao local mais cobiçado pelos políticos: a Presidência da República.

Para demonstrar que é um presidente preocupado em incluir os mais humildes na sociedade, é comum, em cerimônias realizadas no Palácio do Planalto, onde fica seu gabinete, o cerimonial convidar os desvalidos para serem festejados. E Lula não perde tempo: repisa que “nunca na história deste país” o Palácio esteve aberto aos mais desassistidos.

Nestas declarações, por vezes se exalta. Aí, assume a posição de esquerdista radical, o mesmo que, em comícios e assembléias em cima de caminhões, defendia o fora FMI e atacava os “300 picaretas” que, segundo ele, quando era apenas um líder sindical, existiam na Câmara.

O sindicalista que criticava a tudo e a todos tem dificuldades em digerir críticas, principalmente por parte da imprensa. Em novembro de 2005, quando seu governo vivia bombardeado com denúncias de utilizar dinheiro público para comprar os votos de deputados, acusou os críticos, e, de maneira indireta, a imprensa, de “aves de mau agouro”. Ele estava em Quixadá, no interior do estado do Ceará, no nordeste brasileiro, onde seu índice de popularidade sempre foi alto. Foi aplaudidíssimo.

Nessa ocasião, Lula começou a mencionar um “inimigo oculto” e imaginário: a ameaça de um golpe, que nunca existiu de verdade. De forma indireta, enquanto líderes de seu partido, o PT, falavam abertamente sobre o assunto, Lula fazia discursos lembrando personagens históricos e querendo comparar-se a dois deles: os ex-presidentes Getúlio Vargas, considerado o “pai dos pobres” por ter criado leis trabalhistas, e que se suicidou em 1954, e Juscelino Kubistheck, que transferiu a capital brasileira do Rio de Janeiro para Brasília e abriu o país para a indústria automobilística.

- Os mais velhos se lembram do que os que hoje me atacam faziam com Juscelino. Juscelino, várias vezes, apareceu nas primeiras páginas dos jornais deste país como ladrão. Tentaram cassá-lo duas vezes, tentaram dar golpe de Estado, tentaram

matá-lo, inclusive. E Juscelino nunca perdeu a paciência. Passados alguns anos, ele perdeu as eleições, ganhou o Jânio Quadros que, pouco tempo depois, renunciou, denunciando forças ocultas. Depois veio João Goulart, que foi cassado. E eu não falei ainda do Getúlio que, por acusações não provadas, foi levado à morte.

As declarações de Lula foram feitas num momento crítico, em agosto de 2005, quando o noticiário expunha o chamado “mensalão” e havia a possibilidade –denunciada depois pelo Ministério Público e acatada pela Justiça– de envolvimento de ministros e assessores presidenciais no escândalo. O que se investigava à época é se Lula sabia ou não do esquema –ele sempre negou e limitou-se a dizer que foi traído, sem nomear por quem. Sua alusão indireta a um golpe se fez, conforme confidenciou um de seus mais próximos assessores, por causa da discussão que se travava ao seu redor, sobretudo entre os petistas que o assessoravam. Era a fórmula para tentar mostrar que o presidente era vítima das elites.

Nessa época, passou algum tempo trancado em seu gabinete e, quando saía, buscava eventos entre populares, onde, sabia, tinha mais apoio. Com a boa recepção que teve entre os mais pobres, Lula passou a enfatizar a divisão de classes para demonstrar que estava sempre ao lado dos mais necessitados. A tática deu –e tem dado certo. Em setembro do ano passado, por exemplo, numa marcha de cerca de 30 mil margaridas (camponesas) a Brasília, Lula aproveitou o evento para, de forma indireta, atacar um outro movimento, chamado de “Cansei” e que era capitaneado por setores da classe média alta contra o que consideram a cobrança excessiva de impostos e a corrupção.

- Se fossem mulheres e homens de outros segmentos da sociedade, de maior posse, isso seria visto como uma coisa normal. Afinal de contas, as pessoas podem pagar passagem para vir de avião e podem vir de carro. Mas quando milhares de mulheres, dos 27 estados deste País, a grande maioria absoluta trabalhadora rural –que sabe o que é o cabo de uma enxada, que sabe dividir o tempo para o trabalho e o tempo para cuidar da família– se dispõem a andar dias e dias de ônibus, passando privações, dormindo no chão, às vezes em colchõezinhos de um milímetro de espessura, ainda vem alguém dizer: “essas mulheres foram pagas pelo governo”. Eu vou dizer uma coisa para vocês, se eu pudesse, se eu tivesse dinheiro, não precisava ser dinheiro do governo, eu daria o dinheiro do meu bolso para trazer mais mulheres do que tem aqui.

Desgosto com classes média alta e alta

O desgosto de Lula pelas classes média alta e alta é latente. O presidente já chegou a questionar, de público, por que os mais ricos não gostam dele uma vez que, segundo o próprio, “nunca na história deste país” os mais abastados ganharam tanto. E isso é verdade.

Mas o homem que se diz amigo dos pobres, e um de seus representantes, escorrega nas próprias palavras e acaba elogiando empresários conhecidos pela exploração de

mão-de-obra escrava, por exemplo. Deu-se na cidade de Mineiros, interior do estado de Goiás, na inauguração de uma fábrica de laticínios. O presidente anda com idéia fixa de que o biocombustível e o etanol serão a salvação dos mais pobres. Porém, ao citá-los na solenidade e, por tabela, procurar elogiar os usineiros, Lula acabou cunhando uma frase que até hoje repercute negativamente, sobretudo no meio sindical ligado aos agricultores:

- Os usineiros de cana, que há dez anos eram tidos como se fossem os bandidos do agronegócio neste país, estão virando heróis nacionais e mundiais, porque todo mundo está de olho no álcool.

Um antigo colaborador atesta que essa afirmação se deu por empolgação excessiva do presidente. Esse mesmo assessor lembra de outro momento efusivo do presidente, provocando constrangimento. Deu-se na troca dos ministros da Defesa, em julho do ano passado. Estava de saída Waldir Pires, do mesmo partido do presidente, e que há meses havia perdido o respeito das Forças Armadas e do próprio governo por conta da crise aérea que se abateu no país depois do acidente entre um boeing e um avião particular, que resultou na morte de 154 pessoas. Em seu lugar, entrava Nelson Jobim, ex-presidente da Suprema Corte, e que desde que deixara o cargo, seis meses antes, mantinha-se fora da política. Tentando ser “engraçadinho”, como definiu esse assessor, o presidente foi indelicado, classificando Jobim, de forma indireta, de folgado ou preguiçoso.

- De repente, eu vejo que o advogado, o ministro, o deputado estava sem fazer nada, atrapalhando a esposa, que pedia para ele sair de casa um pouco. Eu falei: bom, eu acho que está na hora do Waldir, que tem um pouco mais de idade do que ele descansar e do Nelson Jobim voltar a ativa, porque um cidadão com o tamanho e com a força dele não pode ficar aposentado.

Lula é, nas palavras de alguns assessores, intuitivo. Fala o que lhe vem à cabeça. E é um cabeça-dura, conforme descrição de um amigo. Por vezes, acerta. Mas, quando erra, a repercussão é imediata e, claro, negativa. O presidente tem uma mania: raramente segue o discurso que lhe foi preparado por uma equipe que inclui cinco pessoas e é coordenada pelo ministro da Secretaria Geral, Luiz Dulci, um professor de literatura que acompanha Lula desde 1980 e já lhe redigiu vários discursos, principalmente os dois da posse e os que ele faz na abertura da ONU, anualmente. Nestes cinco anos de mandato, o presidente já fez mais de dois mil discursos. É um recordista, em comparação aos sucessores. No Palácio, há quem lhe recomende não falar toda vez que haja uma solenidade. Mas Lula faz ouvidos moucos e adora dar seu recado.

Não é incomum, enquanto aguarda outros oradores, pegar uma caneta, começar a riscar partes do que está escrito e balançar a cabeça negativamente, em sinal de desaprovação. É raro não enveredar pelo improvisado, como um cantador de cordel, poeta popular que, com uma viola na mão, cria versos dependendo do tema e da freguesia. Nesse improvisado pré-preparado em sua mente, invariavelmente recorre a

temas populares para dar seu recado. O futebol é uma de suas principais metáforas. O casamento e a vida em família também. Foi assim, por exemplo, no início de seu primeiro mandato, quando a economia corria o risco de desandar, e empresários e trabalhadores cobravam maior desenvolvimento do país, mais emprego e menos juros. Para responder aos anseios, Lula, vez ou outra, valia-se da história do casal que contrai matrimônio, a mulher engravida, às vezes no primeiro dia da lua-de-mel, mas o filho só nasce nove meses depois.

- É preciso ter paciência e saber esperar - receitava.

O remédio, ao que parece, obteve resultado, uma vez que a inflação brasileira está controlada, o país tem gerado milhões de empregos anualmente, e a economia voltou a crescer como há décadas não acontecia. Aliás essa passou a ser outra de suas obsessões: citar números da economia e dizer que o país não pode perder a oportunidade de crescimento.

Embora seja amigo pessoal do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, a quem elogia enfaticamente em público, até mesmo a possibilidade de o mandatário venezuelano poder manter-se eternamente no poder, Lula é um árduo defensor da democracia. Vez ou outra, relembra das dificuldades pelas quais o país passou para obter a liberdade. Essa defesa se dá principalmente quando fala de dificuldades em aprovar algum projeto de interesse do governo ou sobre críticas da oposição.

Contratempo

Toda essa facilidade em se comunicar com o povo em geral teve um contratempo em julho de 2007. No dia 17 daquele mês, um avião da TAM chocou-se contra um prédio, em frene ao aeroporto de Congonhas, em São Paulo, matando quase 200 pessoas. O país, que vivera em outubro do ano anterior outra tragédia aérea, na qual morreram 154 pessoas, estava traumatizado. No entanto, o presidente que adora discursos demorou três dias para vir a público demonstrar solidariedade às vítimas. No dia do acidente, divulgou apenas uma nota, lida pelo porta-voz. Sua ausência causou críticas dos meios de comunicação. O governo se defendeu, afirmando que o presidente não poderia aparecer em vídeo porque sofrera uma cirurgia na pálpebra do olho e, além disso, a intenção era ocupar rede de rádio e TV para anunciar medidas palpáveis, e não apenas expressar a dor pelo sofrimento dos parentes das vítimas.

Lula tem uma certa aversão à imprensa, embora defenda a liberdade. Ele não poupa oportunidade de criticá-la. Ele acredita que há um preconceito contra ele, um operário sem formação acadêmica, e sindicalista, que chegou à Presidência. Em seu primeiro mandato, concedeu apenas uma entrevista coletiva. Um amigo afirma que o presidente não gostava de falar com repórteres. De nada valia a insistência dos assessores mais próximos, que tentavam fazê-lo ver a importância das entrevistas. Lula insistia em se negar a falar. Neste segundo mandato, no entanto, ele melhorou. Já concedeu coletiva para rádios, jornais e tem dado algumas exclusivas. Também

melhorou o que a imprensa chama de “quebra-queixo”, que são aquelas entrevistas rápidas para falar sobre os temas do dia.

O atual ministro da Secretaria de Comunicação Social, Franklin Martins, um respeitado jornalista, ex-militante de esquerda que participou do seqüestro de um embaixador americano, na época da ditadura, para forçar a troca com prisioneiros políticos, defende o presidente. Diz que Lula tem falado com mais desenvoltura e critica a imprensa pelo que chama de preconceito contra o atual mandatário. Embora admita que o papel da mídia é incomodar o governo, Franklin afirma que os jornais “condenam” antes de apurar os fatos. No caso do governo Lula, na avaliação do atual ministro, isso se agravou durante o escândalo do mensalão. Nesta época, Franklin era comentarista político de uma rede de televisão.

- A mídia não tem uma relação profissional com o governo. Ela faz crítica gratuita - acusa o ministro-jornalista, fazendo uma ressalva:

- A imprensa, mesmo quando atrapalha o governo, ajuda, se for profissional.

Os críticos dizem que Lula está concedendo mais entrevistas porque o momento político pelo qual passa lhe é favorável. Não há crise. E, as que existem, não lhe afetam, mas ao Congresso, como foi, por exemplo, o escândalo de uma paternidade fora do casamento do presidente do Senado, Renan Calheiros, seu aliado.

Neste segundo mandato, Lula decidiu criar uma TV pública. O Brasil já dispõe de uma agência oficial, rádios governamentais e uma TV estatal. Mas o presidente não está contente com o que tem e disse estar convencido de que é necessário ter uma televisão para “mostrar o que as outras não mostram”. Não é raro Lula criticar a mídia por só mostrar “notícias ruins”. Em sua cabeça, a televisão pública poderá reparar essa mazela e produzir programas educativos, fazer reportagens “sobre o que interessa”. A TV estreou no dia 2 de dezembro, na mesma data em que também teve início a introdução da TV digital no país. A nova TV terá um orçamento de cerca de US\$ 200 milhões. O ministro Franklin declara que a TV não será “chapa branca”, isto é, não será uma televisão do governo, para mostrar apenas as coisas favoráveis ao governo. Ele observa que o presidente raramente utiliza cadeia de rádio e TV para fazer pronunciamentos e que os atuais órgãos governamentais de mídia fazem jornalismo sem se pautar por elogios ao governo. A oposição, porém, desconfia e chega a ver uma tendência chavista nessa TV pública. Amigo de Hugo Chávez, Lula não liga para as críticas porque, para ele, o presidente venezuelano é um verdadeiro democrata, em que pese sua fracassada tentativa de se perpetuar no poder e sua decisão de fechar um canal de televisão que fazia oposição.

Lula não tem esses arroubos, embora em seu primeiro mandato, após uma reportagem do *New York Times* que o acusava de ser um bêbado, pessoas próximas ao presidente chegaram a pensar em mandar de volta para os Estados Unidos o jornalista Larry Rother, autor da matéria. Mas Lula não caiu na tentação. É o que

se espera, agora, com a TV pública: que o governo não sucumba à tentação de transformar o público num canal de exposição privado do presidente.

LOS 10+ DA COMUNICAÇÃO DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

1. A expressão que mais utiliza é: “nunca na história deste país”.
2. Adora discursos de improviso, intuitivo como um poeta popular.
3. Sempre utiliza metáforas, sobretudo as de futebol e as relativas à família.
4. Gosta de dar exemplos de sua vida sofrida.
5. Usa palavras fáceis, busca proximidade com quem lhe ouve.
6. Sempre destaca realizações de seu governo para os mais pobres.
7. Quando pode, critica o negativismo da imprensa e destaca a democracia como ideal político.
8. Não gostava de dar entrevistas, mas melhorou muito no segundo mandato.
9. Tem um programa semanal de rádio, com duração de 5 minutos.
10. Pouco utiliza rede de rádio e TV. Criou, 2 de dezembro de 2007, uma TV pública.